



Seu País

Peças no tabuleiro

ELEIÇÕES 2018 Começa a oficialização de candidatos e alianças, o PT e Bolsonaro seguem isolados e o fisiologismo dá as caras

POR ANDRÉ BARROCAL

Há quatro anos, a eleição presidencial misturava-se com o futebol. A realização da Copa do Mundo por aqui fez parte da guerra política, vide o falatório sobre as obras do torneio e os xingamentos à candidata à reeleição Dilma Rousseff na partida de abertura, Brasil 3 x 1 Croácia, agora vice-campeã. Com um cronograma eleitoral esticado, os partidos definiram seus candidatos e alianças durante o Mundial, até mesmo em dia de jogo da Seleção Brasileira.

Em 2018, o calendário encurtou, decisão tomada a contragosto pelo sistema político depois de a Justiça proibir as doações empresariais. A campanha propriamente dita, os pedidos de votos aos eleitores, durou três meses em 2014, agora terá metade do tempo. Tudo foi empurrado para o pós-Copa. Terminada outra edição da competição, a quarta com vitória seguida de uma equipe da Europa, enfim será dada a largada na sucessão de Michel Temer, o impopular, com o início das convenções partidárias que baterão o martelo sobre chapas e apoios.

O primeiro fim de semana de deliberações teria em cena três presidenciáveis. Na sexta-feira 20, dia inaugural das convenções, o PDT realizou a sua, em Brasília, para sacramentar a candidatura de Ciro Gomes, ex-governador do Ceará. No domingo 22, o PSL faria o mesmo com o deputado reacionário Jair Bolsonaro, no Rio de Janeiro. Entre uma e outra, o PSOL se reuniria em São Paulo para

formalizar Guilherme Boulos, líder dos sem-teto. As siglas têm até 5 de agosto para anunciar suas resoluções. A dupla que dominou os últimos seis pleitos, PT e PSDB, preferiu deixar o barco correr e promover suas convenções na véspera do fim do prazo. Uma polarização ameaçada neste ano graças aos verborrágicos Ciro e Bolsonaro e à situação delicada do tucanato, embora seja o PT quem tenha o líder atrás das grades.

Os petistas insistem em que seu competidor será Lula e prometem registrá-lo no Tribunal Superior Eleitoral em 15 de agosto, último dia possível, com milhares de militantes em Brasília. Não que acredite no aval do TSE à candidatura. É uma aposta: numa eleição cheia de concorrentes e nenhum bicho-papão, o prestígio do prisioneiro, na dianteira das pesquisas, seria capaz de empurrar qualquer petista ao segundo turno, quando começa outra eleição, mano a mano. Para manter o apelo eleitoral do lulismo, o partido repisa que o ex-presidente é injustiçado, na certeza de que, conforme mostram estudos e eleições mundo afora, a emoção é

um fator preponderante no voto. O episódio da quase soltura de Lula encaixa-se aí. Os petistas ganharam munição para sustentar a tese de perseguição judicial. O próprio preso diz isso em um vídeo divulgado na quarta-feira 18, gravado no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC nas horas que antecederam o cárcere.

De fora do petismo há quem contribua com o plano. Na terça-feira 17, Lula recebeu a visita de um grupo de senadores, dos quais dois integram o MDB, Roberto Requião e Renan Calheiros, e um o PTB, Armando Monteiro Neto, ex-presidente da CNI, a Confederação Nacional da Indústria. Na saída, um deles, Calheiros, cravou: “É preso político”. Quem acha a mesma coisa é a ex-presidente socialista do Chile Michelle Bachelet. Ela encabeçou um manifesto pró-Lula no início de julho e pretende dar um pulo em Curitiba, se conseguir contornar os obstáculos que a direita chilena tenta criar – o Congresso de lá precisa autorizar viagens ao exterior de um ex-mandatário que entregou a faixa há menos de seis meses.

Quanto mais tempo Lula estiver em evidência, maiores as chances de ele transferir votos para um candidato petista, crê o partido. Daí a legenda esperar que o TSE não invente moda e siga o calendário eleitoral fixado pelo próprio tribunal, a prever que todos os pedidos de registro de candidatura sejam julgados em 17 de setembro, quando a propaganda eleitoral gratuita de rádio e tevê terá

O “Centrão”, até o momento, flerta com Ciro Gomes, mas há resistências





TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 36

Ensino Superior. A nova
diretriz do Fies espanta os
estudantes de baixa renda



Bolsonaro não consegue aliados e Marina Silva continua na mesma, enquanto Aicmin e Ciro Gomes disputam o apoio do chamado "Centrão"



18 dias no ar. No antipetismo, há quem tente levar a Corte a rejeitar a candidatura de cara, com uma declaração do TSE de que Lula não pode ser registrado, devido à Lei da Ficha Limpa. O MBL moveu uma ação com esse objetivo, mas se deu mal na quarta-feira 18, com uma decisão contrária da ministra Rosa Weber.

Do outro lado da moeda da polarização, sofrimento. É avaliação comum

em Brasília que o PSDB está na pior situação entre os principais partidos. Os apuros criminais de emplumados como Aécio Neves e José Serra mataram qualquer pretensão tucana de posar de vestal, figurino de 2014, quando o partido pregou que bastava tirar o PT do poder para a corrupção acabar. Os resultados do governo Temer – PIB anual (de 1% em 2017 e, prevê o FMI, de 1,8%

neste ano), desemprego gigante, miséria em alta, o Brasil prestes a voltar ao Mapa da Fome – impedem os tucanos de recorrer à economia para buscar votos. Aliás, até o mais governista dos presidentes, Henrique Meirelles, ex-ministro da Fazenda de Temer, parece envergonhado, a julgar por um texto publicado nas redes sociais no sábado 14: “Dezenas de milhões de brasileiros, entre 2003 e



Seu País

2010, saíram das classes de renda mais baixa e passaram para a classe média. Essa é a grande lembrança que a população tem desse período em que fui presidente do Banco Central”.

A candidatura do presidenciável do MDB que se vende como colaborador do governo Lula será confirmada pelo partido em uma convenção em 2 de agosto, apesar da performance de Meirelles nas pesquisas estar à altura de sua obra na Fazenda, 1%, patamar que o insistente namoro dele com evangélicos (na segunda-feira 16, esteve em mais um culto da Assembleia de Deus) não tem sido capaz de alterar. A explicação para o aparente desatino do MDB? O milionário Meirelles promete pagar a campanha do próprio bolso, sem gastar a cota emdebista do fundo público eleitoral. Mais: há sinais de que vai ter grana dele até para candidatos emdebistas.

De volta à aflição Tucana. Sem condições de apelar ao discurso moralista e à economia, o PSDB planeja uma campanha baseada no medo. Provocará o eleitor com a ideia de que o PT e Bolsonaro seriam extremos perigosos. A opção que tem a oferecer, contudo, não empolga ninguém. Geraldo Alckmin patina nas pesquisas ali pelos 5%, atrás de Lula, Bolsonaro e Marina Silva, e próximo de Ciro. A coisa vai mal até no estado que comandou por anos. Em uma pesquisa feita só em São Paulo pelo Instituto Paraná e divulgada na quarta-feira 18, Alckmin aparece em terceiro, com 16%. Lula e Bolsonaro têm 21%. Tucano próximo de Alckmin, o deputado Silvio Torres, tesoureiro do PSDB, diz que o eleitor, ao menos o paulista, decide o voto em cima da hora. Foi assim na eleição de 2014, quando Aécio ultrapassou Marina nas pesquisas a três dias do primeiro turno. Foi assim nas municipais de 2016, quando João Doria Jr. levou a prefeitura paulistana de forma surpreendente no primeiro turno. Segundo Torres, na hora H, os paulistas não faltarão a Alckmin.



Calheiros, Requião e Monteiro visitaram Lula em Curitiba

RENÉ RUSCHEL E MAURO PIMENTEL/AFP

CALENDÁRIO ELEITORAL

O passo a passo da imprevisível sucessão de Michel Temer, o impopular

JULHO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

AGOSTO						
	1	2	3	4		
5	6	7	8	10	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	24	24	25
26	27	28	29	31	31	

De 20 de julho a 5 de agosto, os **partidos decidem seu candidato a presidente**, ou se vão se coligar com outro partido ou então se liberam os filiados para apoiar quem eles quiserem

JULHO						
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

AGOSTO						
	1	2	3	4		
5	6	7	8	10	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	24	24	25
26	27	28	29	31	31	

O prazo de **registro das candidaturas** no Tribunal Superior Eleitoral vai de 20 de julho a 15 de agosto

SETEMBRO						
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

O TSE promete julgar em 17 de setembro todos os **pedidos de registros**

AGOSTO						
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

SETEMBRO						
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

OUTUBRO						
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

A **propaganda dos candidatos na internet e nas ruas** vai de 16 de agosto a 5 de outubro

O problema de o candidato tucano crescer só lá na frente – se é que vai – é que os partidos já terão feito suas convenções e definido seus rumos. E Alckmin precisará de aliados desde o momento em que a propaganda começar nas ruas e na internet, em 16 de agosto, principalmente na tevê e no rádio, 15 dias depois. Ele até tem algumas promessas de apoio, casos do PTB de Roberto Jefferson, decisão anunciada na quarta-feira 18, do PSD de Gilberto Kassab, do PPS de Roberto Freire e do PRB, que acaba de desistir da candidatura do empresário Flavio Rocha, da Riachuelo. Mas aquela turma autointitulada “Centrão” ainda faz contas para identificar a canoa com mais chance de vencer, desde que não seja petista, e embarcar. Grupo a incluir o DEM, do presidente da Câmara, Rodrigo Maia, o PP, campeão de processos na Operação Lava Jato, o Solidariedade, do controverso sindicalista Paulinho da Força, e o PR,

Após visitar Lula, o senador Renan Calheiros definiu: “É preso político”



Manter Lula em evidência é a estratégia do PT para garantir a transferência de votos

do empresário Josué Gomes da Silva, disposto a ser vice de alguém, como o pai, José Alencar, foi de Lula.

Esse “Centrão” flerta com Ciro Gomes. Em uma recente conversa reservada, o presidente do DEM, Antonio Carlos Magalhães Neto, prefeito de Salvador, comentou que não há condição de fazer campanha por Alckmin na Bahia, devido à antipatia despertada por ele no eleitor local. A Bahia é o quarto maior eleitorado nacional, 9 milhões no total. Em 2002, o avô do prefeito, o falecido senador ACM, também foi de Ciro contra o PSDB, apesar de ter pertencido ao governo FHC por quase oito anos.

Não é um flerte simples, esse do “Centrão” com Ciro. As posições econômicas defendidas pelo candidato, críticas ao rentismo e ao financismo, estão à esquerda das ideias (se é que é possível enxergar alguma “ideia” na turma) do “Centrão”, daí que representantes dos

AGOSTO

	1	2	3	4
5	6	7	8	10
12	13	14	15	16
17	18	19	20	21
22	23	24	25	26
27	28	29	30	31

SETEMBRO

1	2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30		

OCTUBRO

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31					

O horário eleitoral gratuito na tevê e no rádio começa em 31 de agosto e acaba dia 4 de outubro

OCTUBRO

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31					

Comícios e debates também podem ser realizados até 4 de outubro

OCTUBRO

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31					

Caminhadas, carreatas e carros de som, até 6 de outubro.

SETEMBRO

						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

OCTUBRO

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31					

De 22 de setembro a 7 de outubro, um candidato poderá ser preso apenas em flagrante

OCTUBRO

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31					

No caso dos eleitores, entre 2 e 9 de outubro, eles também podem ser presos somente em flagrante ou então se forem condenados por crime inafiançável ou se violarem um salvo-conduto

OCTUBRO

1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30
31					

O primeiro turno de votação será em 7 de outubro. O segundo, se houver necessidade, dia 28

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

dois lados se reuniram nos últimos dias para ver se dá para conciliar as coisas.

Na terça-feira 17, o pedetista participou de um debate na Abimaq, a associação dos fabricantes de máquinas e equipamentos, e reafirmou algumas posições. Disse que os campos de petróleo do pré-sal vendidos a multinacionais no governo Temer serão desapropriados. Contou ter mandado uma carta à Boeing e à Embraer para anunciar que, se eleito, vai desfazer a fusão. No caso da reforma trabalhista, repetiu a intenção de rever as regras aprovadas por Temer, embora tenha usado palavras mais leves. E não economizou no verbo ao falar de uma investigação aberta pelo Ministério Público paulista para analisar se praticou injúria racial ao chamar, em junho, o vereador paulistano Fernando Holiday, do DEM, que é negro, de “capitãozinho do mato”. “Um filho da puta desses faz isso e pronto”, disse Ciro sobre a promotora do caso. Termos “completamente inapropriados”, reagiu o MP paulista em nota. “A mãe do promotor não merece isso”, comentou o presidente do PDT, Carlos Lupi.

Enquanto aceita ser cortejado pelo “Centrão” e solta a língua, Ciro esforça-se para atrair o PSB, legenda das mais assediadas e que fará sua convenção no último dia do prazo, 5 de agosto. O ex-ministro quer seu ex-partido como aliado prioritário para arrastar também o PCdoB, o que situaria de vez sua candidatura – é o que ele pensa – no campo progressista, em que pesem as conversas com a turma de PP, PR, DEM e companhia. O PCdoB tem sua pré-candidata, Manuela D’Ávila, que na terça-feira 17 se reuniu com o chefe do Exército, Eduardo Villas Bôas, mais um encontro do general com presidenciáveis. Pode, porém, desistir da candidatura na convenção de 1º de agosto para apoiar Ciro, visto como postulante capaz de angariar mais apoios do que o PT, tradicional aliado dos comunistas, diz o deputado Daniel



Boulos foi oficializado pelo PSOL. Meirelles nega Temer e recorre ao legado lulista

Almeida, presidente do partido na Bahia.

O presidente do PSB, Carlos Siqueira, defende a aliança com Ciro. A maioria dos dirigentes estaduais da legenda concorda. Por ter implicações à esquerda e à direita, o namoro do PSB com o pedetista tem sido minado dos dois lados. O PT age via Pernambuco, sétimo maior eleitorado do País, com 7 milhões de votos. O PSB pernambucano é o mais forte no jogo interno de forças. O governador do estado, Paulo Câmara, é pessebista e prega apoiar o PT, com medo de não se reeleger se o lulismo desaguar votos numa concorrente petista que tem sangue de Miguel Arraes, Marília Arraes. Mesmo se uma aliança com o PSB não vingar, o que é o mais provável, o PT acredita na chance de triunfar sozinho. Se acontecesse, a legenda não precisaria dividir tanto espaço com aliados em um governo, nem fazer muitas concessões programáticas. Já Alckmin age via São Paulo contra o casamento PSB-Ciro. Márcio França,

O PSDB de Alckmin vive sua pior crise, impedido de posar de vestal na disputa



o governador paulista que era seu vice e tenta a reeleição, é do PSB e defende que o partido libere os filiados para apoiar qualquer um. Seu desejo era juntar PSB e PSDB, mas sabe ser impossível, então o melhor que pode fazer pelo tucano é afastar seu partido do PDT.

Além de não entusiasmar o “Centrão”, o tucano tem duas pedras no sapato no mesmo campo programático. Um é o senador paranaense Alvaro Dias, ex-PSDB e hoje Podemos, a figurar com cerca de 4% nas pesquisas, sobretudo na Região Sul. O outro, claro, é o extremista Jair Bolsonaro. Que colecionou duas derrotas nos últimos dias. Desejava como vice o senador evangélico Magno Malta, do PRcapixaba, mas o parlamentar refugou. Voltou-se então para o general Augusto Heleno, que chefiou a missão de paz da ONU no Haiti, mas o partido dele, o PRP, não deixou. Às vésperas de sua convenção, restava ao PSL uma opção caseira, a advogada Janaina Paschoal, aquela do *impeachment*. E olha que, há alguns dias, Bolsonaro dizia no Pará: “Só não vamos fazer pacto com o Diabo”.

Diante das dificuldades de Alckmin, no PT há quem comece a desconfiar que Bolsonaro terá em Ciro Gomes o verdadeiro rival por uma vaga no segundo turno contra um candidato petista. Será? •

MARCELO JUSTO E EVARISTO SAIA/AF